



## A INTERDISCIPLINARIDADE NO ENSINO SUPERIOR

Alyne Otávia Filgueira de Paiva<sup>1</sup>

Elizabeth Botelho de Cedro<sup>2</sup>

Rosimeire Cristina Andreotti<sup>3</sup>

Gisele Silva Lira de Resende<sup>4</sup>

**RESUMO:** Este estudo tem como objetivo analisar a importância da interdisciplinaridade no ensino superior, desde as atitudes necessárias para se vivenciar um trabalho interdisciplinar, que rompa com a fragmentação dos conteúdos, até ultrapassar o conhecimento teórico para o plano prático. O trabalho utilizou-se de pesquisa bibliográfica, com abordagem qualitativa, de objetivos explicativos. O método utilizado foi o método dedutivo-monográfico, que busca contribuir para maior compreensão do assunto. Baseou-se essencialmente nas ideias dos autores, como: Fazenda (2009), Masetto (2012) e Japiassu (1994). A pesquisa demonstrou que a interdisciplinaridade constitui condição necessária para melhoria do ensino superior, uma vez que orienta a formação global do homem, dando sentido e direção para o conhecimento adquirido em seu processo de formação. Conclui que o exercício da interdisciplinaridade nas Universidades requer mudanças de todos os envolvidos no processo educacional. Essas mudanças passam pela reformulação dos currículos, preparação dos professores, trabalho integrado e projetos coletivos de pesquisa e extensão. A atividade de extensão traz à prática o conhecimento tratado em sala de aula, sendo um caminho para a Universidade chegar até a sociedade, por meio de ações de prestação de

---

<sup>1</sup>Licenciada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Goiás (UEG), acadêmica do curso de Pós Graduação em Docência no Ensino Superior, da Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais Aplicadas do Araguaia – FACISA. E-mail: alyneotavia@hotmail.com

<sup>2</sup> Licenciada em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso(UFMT), Pós Graduada em Docência no Ensino Superior, Docência nos Anos Iniciais, Educação a Distância, Professora de Pedagogia e dos Anos Iniciais nas redes municipal de Aragarças -GO e Barra do Garças-MT. Email:bethguerreira@hotmail.com.

<sup>3</sup>.Pós graduanda em Direito Civil e Processo Civil. Especialista em Docência do Ensino Superior. Docente do Curso de Direito da Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais Aplicadas do Araguaia-FACISA (Faculdade Cathedral).

<sup>4</sup>Doutora em Educação (UCLV/UFBA), com Pós doutorado em Educação E Saúde (UFMT). Bacharel em Serviço Social e Licenciada em Pedagogia. Professora nos Curso de Direito e de Pedagogia. Pesquisadora no Núcleo de Iniciação Científica, na linha - Direitos Humanos e Cidadania, da Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais Aplicadas do Araguaia - FACISA. E-mail: giselelira@hotmail.com



serviços e programas sociais. Forma-se, assim, o profissional prático, responsável, que experimenta o saber-fazer durante o período de sua formação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Interdisciplinaridade. Ensino Superior. Formação global. Trabalho integrado. Plano Prático.

## INTRODUÇÃO

A sociedade espera do ensino superior a difícil tarefa da formação de um novo profissional capacitado para exercer mais que sua profissão. Que seja capaz de contextualizar o conhecimento adquirido, utilizando suas competências e habilidades para contribuição positiva ao meio em que vive e em que trabalha.

O planejamento, os conteúdos, a metodologia utilizada pelos educadores fazem toda diferença na formação do educando. Nesse sentido, a educação deve ser trabalhada, de forma interdisciplinar, na qual o aluno é ativo, capaz de desenvolver seu próprio conhecimento, por meio de ações, atitudes, que passam para além das teorias, como nos diz Severino: “[...] só se é algo mediante um contínuo processo de agir; só se algo mediante a ação” (SEVERINO *apud* FAZENDA (org), 2009, p.31).

A perspectiva interdisciplinar envolve a diversidade das disciplinas, que se complementam, gerando uma nova metodologia, um novo tipo de pessoa, mais humana, democrática e, ao mesmo tempo, mais crítica. As disciplinas se interagem, gerando o sujeito coletivo, que valoriza todo o processo do conhecimento, como ele acontece, não somente pensando em seu resultado.

No Brasil, desde 1970, a interdisciplinaridade foi apresentada à educação como uma inovação que poderia redirecionar o ensino e a aprendizagem. Desde então, tem-se desenvolvido estudos, pesquisas, para que o conceito possa avançar do plano teórico para a apresentação de uma solução prática, capaz de viabilizar, de fato, as benevolências do conceito interdisciplinar.

Entretanto o que pode se perceber é que os velhos hábitos educacionais, as rotinas anteriores a essa teoria ainda possuem mais espaço no ambiente escolar, uma vez que a



aplicação dos conhecidos conceitos interdisciplinares ainda enfrenta preconceitos, sendo taxados, muitas vezes, como menores, ou como radicais, o que leva ao patamar de que as ações interdisciplinares se resumam em atividades esporádicas.

As práticas interdisciplinares vivenciadas no ensino superior, muitas vezes, não estão claras para os educadores e para os educandos. O comodismo enfrentado pelo professor, que aplica atividades supostamente interdisciplinares e as cumpre, sem realmente saber o significado dessa ação, prejudica o resultado positivo que a interdisciplinaridade traz à formação do homem em sua totalidade.

Fazenda *apud* Favarão (2004) afirma que:

A possibilidade de eliminar tais barreiras resulta em uma motivação que liberta as instituições da inércia. No entanto, mais difícil que transformar as estruturas institucionais é transformar as estruturas mentais. Os empecilhos à não-fragmentação do currículo em disciplinas são variados. Abrangem o desconhecimento do significado de projetos, a falta de formação específica para trabalhar com os mesmos, a acomodação pessoal e coletiva, até o medo de perder o prestígio pessoal, pois a interdisciplinaridade leva ao anonimato – o trabalho individual anula-se em favor de um objetivo maior – o coletivo. (FAZENDA, 1993, p. 42 *apud* FAVARÃO et al, 2004 p. 107)

Nota-se pelas leituras que o trabalho interdisciplinar nas Instituições de Ensino Superior ainda não tem atingido seu verdadeiro objetivo, pois tem sido aplicado na teoria, mas, ao transpor para a prática, descobrem-se as dificuldades com a interpretação do verdadeiro sentido do trabalho interdisciplinar e as atividades, muitas vezes, se resumem em ações bastante isoladas, sem significado, tanto para o aluno quanto para o professor.

A ausência de clareza dos objetivos, juntamente com o despreparo, o comodismo pela não busca do novo, e as dificuldades de relacionamento entre aluno-professor, administração e coordenação pedagógica, podem ser alguns dos motivos que impedem o sucesso da interdisciplinaridade no Ensino Superior.

Em contrapartida, pensar em formação significativa para o aluno e para a sociedade em que está inserido é pensar em um ensino participativo, interativo, que vai da teoria à prática. Uma Universidade que forma cidadãos conscientes ultrapassa as metas de conteúdo e notas, forma pessoas ativas, com amplo conhecimento de uma nova maneira de se pensar o



mundo. Favorecer as relações interpessoais, possibilitar a troca de conhecimentos, por meio da interação das disciplinas e, principalmente, das pessoas, faz parte de uma busca pela interdisciplinaridade, além da necessidade de reformulações curriculares que objetivem a formação de professores com caráter interdisciplinar.

Este trabalho tem por finalidade analisar a importância da interdisciplinaridade no ensino Superior. Nesse sentido, aponta algumas atividades necessárias a serem desenvolvidas pelo professor, pelo aluno e por todos os envolvidos no ambiente escolar, atividades essas que vão ao encontro de práticas contextualizadas, ações coletivas, atitudes de integração, cooperação que serão capazes de formar um profissional para além da profissionalização, um profissional completo.

Trata-se de pesquisa de natureza básica, gerando conhecimentos úteis de contribuição para a dialética do Ensino Superior, com abordagem qualitativa, de objetivos explicativos, utilizando-se de procedimentos técnicos e bibliográficos. O método utilizado foi o método dedutivo-monográfico, que busca contribuir para maior compreensão do assunto. Baseou-se essencialmente nas ideias de autores, como: Japiassu (1994), Fazenda (2009) e Masetto (2012).

O desenvolvimento do trabalho conta com quatro subtítulos, sendo o primeiro: Fundamentos da Interdisciplinaridade, que trata do surgimento da Interdisciplinaridade no mundo e no Brasil, a importância dessa inovação para a formação de profissionais, abordando os níveis em que iniciou a interação das disciplinas, até chegar à interdisciplinaridade, já passando à transdisciplinaridade, ressaltando alguns contextos em que acontece a interdisciplinaridade, com ênfase no contexto pedagógico, ao qual se refere a pesquisa.

O segundo subtítulo retrata a forma como deve acontecer o trabalho interdisciplinar nas salas de aula, o conhecimento adquirido mutuamente, com interação de todos os participantes, O terceiro subtítulo fala da competência pedagógica para se desenvolver a interdisciplinaridade no Ensino Superior, aborda algumas tendências pedagógicas que norteiam a prática do professorado, a estrutura organizacional das Universidades, a necessidade de atualização do docente, inclusive em relação às tecnologias digitais e à formação continuada do professor.



O quarto, Proposta Interdisciplinar, traz o desafio do trabalho interdisciplinar na Universidade e aponta a extensão como um caminho de possibilidades para romper a distância entre o conhecimento prático e o teórico. Enfatiza a clareza e a coordenação que devem existir nas realizações de trabalhos interdisciplinares.

Espera-se com este trabalho poder contribuir para a aplicação de maneira mais eficiente da interdisciplinaridade no Ensino Superior, inclusive atingindo atividades práticas, de cunho social, ousando apontar caminhos para as novas práticas pedagógicas, que beneficiarão o ensino e a aprendizagem, em sua totalidade.

## **1. FUNDAMENTOS DA INTERDISCIPLINARIDADE**

A interdisciplinaridade na educação surgiu em meados da década de 60, na França e na Itália, como um esforço de superar o conhecimento fragmentado, ocorrido com a revolução industrial e a necessidade de preparar melhor a mão de obra exigida pelo mercado atual. Tudo iniciou a partir de reivindicações por um ensino que contribuísse para a formação de um indivíduo capaz de intervir de maneira positiva nos acontecimentos de ordem social, política e econômica da época, e, naquele momento, foi a inovação encontrada para redirecionar o processo de ensino e aprendizagem. Segundo Matos (2015), relatando sobre Japiassu<sup>5</sup>, que chegou ao Brasil no final da década de 60 e influenciou na elaboração da Lei de Diretrizes e Bases 5.692/71:

Naquela época o termo Interdisciplinaridade surgiu como uma reação à sensação de falência do pensamento positivo, dos sistemas políticos e educacionais dos anos 1960 cujas manifestações estudantis mundiais de 1968 aparecem como ponto de inflexão. (MATOS, 2015, p.36)

Desde então, tem-se intensificado sua presença no cenário nacional brasileiro, com ênfase na LDB 9.394/96 e nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Mesmo com sua

---

<sup>5</sup>Professor Doutor Hilton Japiassu é um dos pioneiros em estudos sobre a interdisciplinaridade, construindo um movimento contrário à fragmentação do ensino e defendendo a interação dos atores da educação, que são os professores, sendo sua obra “Interdisciplinaridade e a Patologia do Saber”, lançado em 1976, um dos marcos referências sobre o tema.



entrada no cenário educacional o objetivo real da interdisciplinaridade ainda encontra-se em processo de implantação.

Definido o traço histórico, na linha dos fundamentos, é importante trazer ao cenário a conceituação etimológica da palavra interdisciplinaridade, cujo termo possui um prefixo – inter – e um sufixo – dade- seguido do substantivo disciplina. Assumpção (*apud* FAZENDA org. 2009) nos define:

[...] *inter*, prefixo latino, que significa posição ou ação intermediária, reciprocidade, interação [...] Por sua vez, *dade* (ou *idade*) sufixo latino, guarda a propriedade de substantivar alguns adjetivos, atribuindo-lhes o sentido de ação ou resultado de ação, qualidade, estado ou, ainda modo de ser. Já a palavra disciplina núcleo do termo, significa a espisteme, podendo também ser caracterizado como ordem que convém ao funcionamento duma organização ou ainda um regime de ordem imposta ou livremente consentida. (ASSUMPCÃO *apud* FAZENDA org. 2009, p 21 e 22)

Analisando o termo, pode-se dizer que interdisciplinaridade, no sentido da palavra, é o resultado com qualidade de uma ação interativa, neste caso, uma ação de interação das disciplinas ou áreas do saber. O que acontece é que essa interação ocorre em níveis de complexidade diferentes. Para distinguir esses níveis foram criados os termos multidisciplinaridade, pluridisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade.

A multidisciplinaridade, como o primeiro nível de integração das disciplinas, se caracteriza, segundo Japiassu (1976), como uma ação simultânea de diferentes disciplinas em torno de um tema em comum, o que não invalida o processo, porém não se explora a relação e nem a cooperação do conhecimento das disciplinas. (JAPIASSU, 1976 *apud* CARLOS, 2007, p. 2).

A pluridisciplinaridade está na mesma linha da multi, contudo, nesta, começa-se a observar a cooperação entre as disciplinas, porém de forma hierárquica, partindo de práticas individuais, combinadas, firmadas, muitas vezes, no antiautoritaríssimo que deixa transparecer a falta de coordenação de objetivos da ação.

A interdisciplinaridade, como terceiro nível de interação das disciplinas, encontra-se nas atividades desenvolvidas em conjunto pelos membros das instituições, com um objetivo em comum. As disciplinas se interagem, desde a simples troca de ideias até a integração



mútua dos conceitos. No topo da evolução dos níveis, está a transdisciplinaridade que se trata de uma proposta recente, e, segundo Carlos (2007), “[... ] tipo interação onde ocorre uma espécie de integração de vários sistemas interdisciplinares num contexto mais amplo e geral, gerando uma interpretação mais holística dos fatos e fenômenos.” (CARLOS, 2007, p. 3).

O trabalho transdisciplinar se apresenta como alternativa apropriada para abordagem de complexos problemas atuais na educação, como a fragmentação do conhecimento e a excessiva especialização da ciência. Porém ainda não atingimos a interdisciplinaridade em seu verdadeiro sentido, tornando a transdisciplinaridade uma prática ainda distante de nossa realidade.

Finaliza os elementos fundamentais a interdisciplinaridade, embora conceituar nas áreas humanas seja tarefa sempre aberta e muito difícil. Para Olga Pombo (2003), uma das pioneiras em estudos e pesquisas sobre interdisciplinaridade, em Lisboa (Portugal), a Interdisciplinaridade é um fenômeno curioso, sem conceito estável, mas uma palavra de utilização ampla e aplicada em vários contextos. (POMBO, 2003 p. 2)

A palavra interdisciplinaridade já faz parte do vocabulário acadêmico, científico, está presente em projetos, congressos, sendo uma nova forma de comunicação entre grupos. Essa troca de conhecimentos entre disciplinas e grupos de pessoas seria sua aplicação em um contexto epistemológico. Nas universidades, os cursos comportam elementos curriculares interdisciplinares, reclamam reformas que envolvam a interdisciplinaridade no ambiente acadêmico; essa busca refere-se ao contexto pedagógico, ligado a questões de ensino, de práticas escolares, de métodos de trabalho, da forma como o conhecimento é adquirido entre professores e alunos.

Ainda existem outros contextos em que está presente o termo interdisciplinaridade, como o contexto empresarial e tecnológico, e, nas empresas, é referente à gestão e às tomadas de decisões em conjunto; no meio tecnológico, cada dia mais as equipes tendem a trabalhar em equipes interdisciplinares para decisão das novas produções.

Enfim, o termo interdisciplinar é muito amplo e passa por uma série de contextos, e em cada situação, cada contexto, é definido de alguma maneira por um trabalho realizado em conjunto, de forma integrada. É intensificado o conceito da palavra, porém não se vivencia



seu verdadeiro sentido, o que ainda não está claro para os que dizem praticar a interdisciplinaridade.

É muito importante para a efetivação do trabalho interdisciplinar a integração das disciplinas, mas, para haver essa integração é preciso haver uma interação entre as pessoas envolvidas em todo o processo de ensino e aprendizagem. Entender que anos de experiência em uma sala de aula, ou em uma instituição não me isenta de sentar e ouvir o meu colega, sua ideia, seu entendimento sobre determinado assunto, ou, ainda mais, não isenta o professor de ouvir a experiência do aluno, uma vez que, juntos, numa atitude de parceria e corresponsabilidade podem fortalecer o processo de ensino e aprendizagem.

Nesse sentido, Japiassu (1994) enfatiza o cuidado que se deve ter, ao privilegiar mentes, pessoas, dentro do processo de ensino e aprendizagem; para ele estamos sempre em processo de aprendizagem, sendo este um dos objetivos da interdisciplinaridade.

Japiassu (1994) nos diz:

A famosa maturidade intelectual presente nos sistemas de ensino, têm sido apenas um obstáculo. E que a interdisciplinaridade vem para questionar este saber, para ajudar a refazer as cabeças bem feitas. Para ele, “não nascemos com cérebros “desocupados”, mas inacabados”. (JAPIASSU, 1994, p. 2)

Com essas duas referências destacadas, partindo para o conceito, em acepção própria, pode-se definir a interdisciplinaridade como um caminho de ensino e aprendizagem, consistente na realização de pensamentos e atividades coletivas, direcionadas pelos educadores, que buscam, na troca de conhecimentos, superar o corte universidade/sociedade, universidade/vida, saber/realidade, rompendo com a individualidade, instaurando uma nova relação facilitadora entre educadores e educandos.

Fazenda (2013, p. 20) afirma que “[...] o pensar interdisciplinar parte do princípio de que nenhuma forma de conhecimento é em si mesma racional. Tenta, pois, o diálogo com outras formas de conhecimento, deixando-se interpenetrar por elas”. E cita, como exemplo, a interação entre o conhecimento científico e o senso comum. De acordo com a autora, a interdisciplinaridade aceita o conhecimento do senso comum como válido, pois é por meio do habitual que damos sentido às nossas vidas. Japiassu (1994) ressalta que o trabalho interdisciplinar apresenta a grande vantagem de fornecer não somente um conhecimento mais





rico e completo, em nível teórico, mas também de situar esse conhecimento prático, ou seja, visando dar respostas a problemas de ordem prática.

Enfim, Fazenda (2009), explica que:

No projeto interdisciplinar não se ensina, nem se aprende: vive-se, exerce-se. A responsabilidade individual é a marca do projeto interdisciplinar, mas essa responsabilidade está imbuída do envolvimento – envolvimento esse que diz respeito ao projeto em si, às pessoas e às instituições a ele pertencentes. (FAZENDA *apud* FAZENDA org. 2009, p. 17)

A interdisciplinaridade traz novos paradigmas para as ciências humanas, com a função de ajudar em suas decisões de ordem política, administrativa e pedagógica, formando pessoas cada vez mais práticas e menos teóricas (que é a patologia a ser superada no sistema).

## **2. INTERDISCIPLINARIDADE NA SALA DE AULA**

O conhecimento esperado de um acadêmico, hoje, é aquele que ultrapasse os limites de uma só área, que busque integração, reflexão, comparação, para se ter um novo conceito, que nos permita compreender melhor os acontecimentos do dia a dia. Assim, surge a interdisciplinaridade, que nos leva à busca pelo novo conhecimento, a partir de diferentes áreas do saber, que se complementam, não se sobrepondo uma a outra, mas dialogando métodos, análises, caminhos que mostram um novo jeito de aprender. Como nos dizem os Parâmetros Curriculares Nacionais:

A interdisciplinaridade não dilui as disciplinas, ao contrário, mantém sua individualidade. Mas integra as disciplinas a partir da compreensão das múltiplas causas ou fatores que intervêm sobre a realidade e trabalha todas as linguagens necessárias para a constituição de conhecimentos, comunicação e negociação de significados e registro sistemático dos resultados. (BRASIL, 1999, p. 89)

Trabalhar a interdisciplinaridade na sala de aula é um desafio tanto para os professores quanto para os alunos. Primeiro, porque se deve ter muito claro o objetivo desse trabalho, que não é somente ministrar um determinado tema e discuti-lo em várias disciplinas,



mas entender o porquê desse assunto em cada disciplina. Assim, será possível tirar do estudo em conjunto a inovação, a possibilidade, que ultrapassa o pensar fragmentado.

Romper com os entraves da disciplinaridade, que, segundo Masetto (2011, p. 602) ainda é a marca da aula no ensino superior, é algo que requer de cada docente, ou de todos os envolvidos no processo ensino e aprendizagem um esforço diário, pois a interdisciplinaridade deve estar presente nas nossas práticas pedagógicas, nas nossas pesquisas, nas discussões sobre as reformulações curriculares e, principalmente, no profundo desejo de ter uma educação de qualidade para todos. É preciso ter vontade, querer fazer, afinal, pouco resolve a interdisciplinaridade vir proposta por um currículo ou pela instituição em que estamos atuando, se, lá dentro da nossa sala de aula, não queremos, não fazemos.

O trabalho conjunto torna nula a individualidade e, neste caso, o papel fundamental dos envolvidos em um trabalho interdisciplinar é a cooperação. Por exemplo, ao trabalhar um tema em sala de aula, que necessite de uma abordagem profissional (da área) do assunto, o professor poderá tomar a atitude de, juntamente com a Instituição, convidar tal profissional, para uma palestra, uma mesa redonda, que poderá envolver alunos de outras disciplinas. Para isso, é preciso planejar conjuntamente, aceitar opiniões uns dos outros, sentarem juntos, debaterem o assunto e serem parceiros na responsabilidade pelo processo de ensino e aprendizagem. Peña (*apud* FAZENDA org. 2009) nos fala que:

É necessário despojar-se de preconceitos, questionar os valores arraigados no consciente, e transcender à busca do ser maior que está dentro de nós mesmos. É sentir-se livre para poder falar e, principalmente, ouvir. Ouvir você e o outro. É assim que concebo o ato de educar. É assim que entendo o educador interdisciplinar. (PEÑA *apud* FAZENDA org. 2009, p. 63)

É preciso saber que a prática interdisciplinar depende da atitude de cada educador e não se restringe à sala de aula, mas é necessário conscientizar-se de que as relações entre professor e aluno podem dar início a um trabalho que perpassa o que vem proposto em um currículo e que a prática interdisciplinar precisa ser uma inspiração transmitida do professor ao aluno, de modo que ele se sinta envolvido e compreenda o verdadeiro objetivo a ser alcançado por eles, sendo que o conhecimento se torna uma conquista mútua, e não mais uma obrigação imposta hierarquicamente. A verdadeira interdisciplinaridade só funciona com um olhar múltiplo, ou seja, uma via de mão dupla. Fazenda (2008) nos diz que:



Numa sala de aula interdisciplinar, a autoridade é conquistada, enquanto na outra é simplesmente outorgada. Numa sala de aula interdisciplinar a obrigação é alternada pela satisfação; a arrogância, pela humildade; a solidão, pela cooperação; a especialização, pela generalidade; o grupo homogêneo, pelo heterogêneo; a reprodução, pela produção de conhecimento. [...] Numa sala de aula interdisciplinar, todos se percebem e gradativamente se tornam parceiros e, nela, a interdisciplinaridade pode ser aprendida e pode ser ensinada, o que pressupõe um ato de perceber-se interdisciplinar. (FAZENDA, 2008, p. 86)

No cotidiano é preciso coragem, dedicação para abandonar o trabalho solitário, superando a ausência de estímulos, afinal, não basta um currículo reformulado, de forma integrada, se não vivenciarmos essa integração.

### **3. COMPETÊNCIA PEDAGÓGICA PARA O TRABALHO INTERDISCIPLINAR NO ENSINO SUPERIOR**

Refletir sobre a competência pedagógica do professor universitário envolve pensar em sua formação acadêmica e em sua cultura, que influenciarão diretamente na relação professor-aluno. O professor geralmente segue uma teoria que norteia sua maneira de trabalhar, uma tendência pedagógica que considera ser apropriada para desenvolver sua prática educacional.

O educador deve se preparar e buscar conhecer diversas teorias de ações pedagógicas, para que tenha competência suficiente para atuar com segurança, dentro dos princípios democráticos, aceitando o novo, com base numa educação participativa e de diálogo entre professor e aluno. Para isso, é de suma importância saber em qual tendência está baseado seu trabalho e, principalmente, se sua linha de trabalho segue um raciocínio progressista. Ao conhecer as tendências pedagógicas, ele irá retirar o melhor de cada uma, para ser seu apoio e base, o que exige busca, pesquisa, estudo e análise, pois a educação está sempre em evolução.

Genericamente as tendências pedagógicas estão divididas em: Tradicional, Tecnicista, Libertadora e Crítico-Social, sendo as duas primeiras Liberais e as duas últimas, Progressistas. Todas terão sua contribuição para um trabalho de qualidade, mas não são receitas prontas. Como nos diz Queiroz (2007):



Temos consciência que na prática mesmo, no dia a dia de sala de aula e de vida profissional, o que vai definir sua atuação é a sua opção teórica, sua opção de classe, sua cidadania, que você irá articular sua ação docente. (QUEIROZ, 2007, p. 15)

Mencionadas algumas das tendências pedagógicas, convém fazer um breve histórico da atuação do professor em cada uma delas. Nessa tarefa, temos que a tendência tradicional é aquela pela qual o professor é o detentor do saber, autoridade máxima na sala de aula, a relação é verticalizada, somente o educador fala e o aluno ouve; a tecnicista está voltada para a técnica da repetição, aquela em que o professor é a única fonte de informação exigida, e ele deverá transmitir o conteúdo e o aluno decorar; já a libertadora, por sua vez, leva ambos a se conscientizarem do papel transformador da educação na sociedade, existe respeito entre ensinador e aprendente e entre suas opiniões; por último, a crítico-social que está voltada para uma educação participativa, e pela qual o professor não transmite conhecimento, mas participa de sua construção em conjunto com seus alunos. Um conhecimento com sentido, que os leva a intervir na sociedade de maneira positiva.

Feitas essas considerações, podemos frisar que a pedagogia tradicional ainda está muito presente no ensino superior, e que o conteúdo ainda é visto por quantidade, a sala de aula como lugar de aprendizado e as avaliações com o objetivo de verificar se o aluno reteve o conteúdo repassado pelo professor.

Percebe-se que ainda tem-se o objetivo de formar para o mercado de trabalho, usando uma pedagogia tecnicista. Assim, deixa-se de formar o profissional que consiga fazer a conexão entre a teoria e a prática, o verdadeiro significado do conhecimento adquirido. Existe uma opção que seria a busca dos paradigmas da tendência libertadora, segundo a qual nota-se a preocupação do professor em se relacionar bem com seu aluno, para, juntos, numa relação de igual para igual trabalharem com ações coletivas, respeitando a individualidade de cada um. Nesse momento, o professor atua como um coordenador de atividades. Tal tendência seria boa opção, mas o tempo demonstrou que não seria completa, pois seria necessário um conhecimento mais sistematizado, uma vez que esta tendência despreza o conhecimento científico, em sua excelência, o que gera falhas no processo integral de conhecimento.



Percebe-se, por fim, que, para atingir um trabalho interdisciplinar com a participação de todos os envolvidos no processo, seria necessário trilhar um caminho mais completo, oferecido pela tendência pedagógica crítico-social. Nessa perspectiva, o mundo externo estaria presente nos conteúdos, nas salas de aulas, onde o professor aparece como mediador e a experiência do aluno é ponderada. Consegue-se enxergar as transformações e reconstruções do mundo e a formação do cidadão.

A referida tendência entende que não basta repassar conteúdos escolares que retratem questões sociais, sendo necessário que os alunos adquiram conhecimentos e habilidades essenciais para defender seus interesses na sociedade. Segundo Queiroz (2007):

Esta tendência prioriza, na sua concepção pedagógica, o domínio dos conteúdos científicos, a prática de métodos de estudo, a construção de habilidades e raciocínio científico, como modo de formar a consciência crítica para fazer frente à realidade social injusta e desigual. Busca instrumentalizar os sujeitos históricos, aptos a transformara sociedade e a si próprio. Sua metodologia defende que o ponto de partida no processo formativo do aluno seja a reflexão da prática social, ponto de partida e de chegada, porém, embasada teoricamente. (QUEIROZ, et al 2007, p. 14 e 15)

Pensando nesse objetivo da tendência crítico-social, faz-se necessário repensar as ações docentes dos professores universitários, principalmente no que diz respeito à estrutura organizacional do Ensino Superior, o impacto das tecnologias de informação e também as carreiras profissionais dos educadores.

Hoje em dia, na prática, a estrutura organizacional do Ensino Superior ainda tem privilegiado muito o domínio do conhecimento e experiências profissionais, quando vão selecionar o professor para os cursos. Desde o início da instalação das Faculdades, no Brasil, os professores apresentavam currículos em que constavam apenas as disciplinas nas quais eles gostariam de atuar; formava-se, assim, um profissional competente em determinada área e somente isso. Não se pode menosprezar o domínio do conhecimento em determinada área, no entanto, entendemos que não é suficiente para formar indivíduos em sua totalidade.

A competência exigida até a década de 70 para o professor do ensino superior era o bacharelado e o exercício competente de sua profissão. Em 1980, passou-se a exigir a especialização e, hoje, é exigida a pós-graduação em nível de mestrado e doutorado. O que ainda encontra-se muito forte é que o professor universitário, ainda é focado em aulas



expositivas e no cumprimento de metas individuais, como conteúdos e notas dos alunos em dia.

O desafio para esses professores é a renovação de suas práticas pedagógicas, tendo em vista que apenas transmitir conteúdo, sem contextualização e relações interdisciplinares não será suficiente para formar profissionais com êxito, como nos diz, Masetto (2012):

Recentemente, professores universitários começaram a se conscientizar de que seu papel de docente do ensino superior, como o exercício de qualquer profissão, exige capacitação própria e específica que não se restringe a ter um diploma de bacharel, de mestre ou doutor, ou apenas o exercício de uma grande profissão. Exige isso tudo e competência pedagógica, pois ele é um educador, alguém que tem a missão de colaborar eficientemente para que seus alunos aprendam. Esse é seu ofício e compromisso. (MASETTO, 2012, P. 15)

Diante do quadro da competência pedagógica mencionado, constata-se a necessidade evidente da busca de contextualização entre as ações efetivas e as respostas de aprendizagem; certamente a solução seria a aplicação das práticas interdisciplinares.

Ser um docente envolvido com essas práticas significa estar ligado às múltiplas formas de obter um conhecimento e aplicá-lo, de forma benéfica, tanto para si quanto para o outro. Constitui interagir entre as ciências exatas e humanas, o que possibilitará o surgimento do conhecimento voltado às transformações e evoluções que enfrentamos.

Assim, é de suma importância que o docente universitário envolva em suas aulas, planejamentos, metodologias, avaliações e tecnologias digitais, que podem contribuir profundamente para atender os compromissos de ensino, pesquisa e extensão, gerando inúmeras oportunidades de autoaprendizagem e a interaprendizagem a distância. As TICs (Tecnologias de Informação e Comunicação) são uma inovação que rompe com as formas conservadoras de ensinar, aprender, pesquisar, avaliar.

Os meios tecnológicos precisam ser úteis para o discente, mas, para isso, o professor precisa estar apto à utilização desses recursos, pois, sem orientação, um computador, por exemplo, servirá apenas de distração, passatempo para o aluno, perdendo o verdadeiro sentido de interação e participação, que gera a aprendizagem ativa e colaborativa, e desenvolve uma relação de parceria. Behrens (2010) alerta que:



O aluno precisa ultrapassar o papel passivo, de escutar, ler, decorar e de repetidor fiel dos ensinamentos do professor e tornar-se criativo, crítico, pesquisador e atuante, para produzir conhecimento. Em parceria, professores e alunos precisam buscar um processo de auto-organização para acessar a informação, analisar, refletir e elaborar com autonomia e conhecimento. O volume de informações não permite abranger todos os conteúdos que caracterizam uma área do conhecimento. Portanto, professores e alunos precisam aprender a aprender como acessar a informação, onde buscá-la e o que fazer com ela. (BEHRENS, 2010, p.71)

Dessa maneira, a formação do professor deve ser continuada e, além do espaço acadêmico, em outros ambientes profissionais. É preciso abordar uma metodologia progressista, que significa aliar o ensino à pesquisa, pela qual aluno e professor vão ao encontro da nova verdade, utilizando de meios inovadores que resgatem o ser humano como um todo. Como afirma Masetto (2012): “Em síntese, atualmente, docentes de educação superior devem se ocupar sobretudo em ensinar seus estudantes a aprender e a tomar iniciativas, em vez de serem unicamente fontes de conhecimento.” (MASETTO, 2012, p. 21)

Ao aprender tomar iniciativas, como afirma o autor, o aluno estará adquirindo habilidades, posturas que o tornarão sujeito ativo, agente social, capaz de direcionar o conhecimento adquirido de forma crítica e construtiva para si e para os outros. Nesse sentido, o professor terá cumprido seu papel de mediador entre conteúdos e alunos, teoria e prática e conhecimento e vida, com isso, alcançando o título de autoridade competente em formar o indivíduo como um todo, preparado para lidar com as inovações que surgem em nosso dia a dia.

Falar em competência significa falar em saber fazer, e saber fazer bem. Muitos professores sabem fazer, outros sabem fazer e fazer bem. O profissional comprometido com seu trabalho não se limita a responder sim ou não para o educando, ou dizer certo ou errado às respostas do aluno e, sim, direciona-o ao melhor caminho.

#### **4. PROPOSTA INTERDISCIPLINAR**



Dentro de uma proposta interdisciplinar no trabalho educacional, serão abordadas, neste momento, as práticas interdisciplinares que podem aproximar a teoria da prática, nas Instituições de Ensino Superior.

Trata-se de um desafio árduo, coletivo, integrador, envolvendo todos os sujeitos em um ambiente de transformação e colaboração. Não se pode ignorar o modo de funcionamento da mente humana, suas necessidades individuais, mas, a partir de atitudes significativas e produtivas, envolveremos todos os participantes do processo no impacto das ações conjuntas.

A base da proposta interdisciplinar é a construção eterna; somos inacabados, sempre poderemos nos refazer. O papel dos educadores nessa proposta é essencial para que ela venha a existir, e, para isso, deve haver sempre uma busca incessante pelo novo. Japiassu (1994) diz que “[...] o professor que não cresce, que não estuda, questiona, pesquisa, deveria ter a dignidade de aposentar-se, paralisia intelectual” (JAPIASSU 1994, p. 2 - 3).

Transformar as universidades de um lugar de conhecimento pré-fabricado para um conhecimento coletivo e crítico depende também das estruturas das Instituições que devem ser flexíveis quanto à absorção de novos conteúdos e responsabilidade social, por meio de projetos coletivos de pesquisa e extensão.

A atividade de extensão traz à prática o conhecimento tratado nas salas de aula; tem sido um caminho para possibilitar a socialização de conhecimentos vinculados às necessidades sociais. A extensão, nas Universidades, sobretudo nas áreas das Ciências Humanas e Sociais tem acontecido por meio de cursos, programas, projetos de integração social e de prestação de serviços.

Sobre a extensão como prática interdisciplinar a ser adotada nas universidades nos diz Haas (2009):

Pensar em uma universidade interdisciplinar remete-nos a um ensino vivo e concreto que visa à construção de um saber-fazer como resultado do casamento da teoria com a prática, de uma prática experimentada durante o período de formação. A extensão tem a condição de propiciar aos alunos e docentes uma reflexão rigorosa sobre o saber e o fazer. (HAAS2009, p. 24)

A proposta interdisciplinar prioriza a integração das ações didático-pedagógicas, tanto em seu planejamento quanto em seu desenvolvimento. O primeiro passo é a integração e, a partir daí, deve-se alcançar a interação, quando se dá realmente a interdisciplinaridade.





Essa interação será alcançada com ações de reconhecimento de especificidades, ajuda, cooperação e ações refletidas.

É necessário rever não somente conteúdos, metodologias, mas os comportamentos que devem estimular uns aos outros, como a auto-expressão, autovalorização, curiosidade, autonomia na construção do saber. Pensar uma administração participativa, uma prática pedagógica participativa e clara, faz-se ponto de partida para uma universidade de práticas interdisciplinares.

Quando falamos em possibilidades para a autonomia do conhecimento, não estamos dizendo que o processo é individual; ele respeita as individualidades, especificidades de cada um, porém acontece em conjunto, partilhado. As propostas interdisciplinares devem ser coordenadas, orientadas, com objetivo para cada participante. Quando cada envolvido tem claro o objetivo a ser alcançado em determinado trabalho é possível transcender as disciplinas.

Felipe Bandoni, na revista Nova Escola (outubro, 2015), demonstra a clareza e a coordenação que se precisa ter nas ações interdisciplinares realizadas em nossas instituições escolares:

Embora tenham aquele potencial, propostas interdisciplinares requerem uma cuidadosa coordenação da equipe, a listagem dos objetivos de cada docente envolvido e por definição, devem trazer aprendizagens que transcendam as disciplinas. Deve-se ter clareza, portanto, que quando a escola elege um assunto como importante, todos precisam se mobilizar ao seu redor. Por vezes é necessário deixar de lado alguns conteúdos. Afinal, nosso tempo com os alunos é limitado. (BANDONI, 2015, p. 55)

A interdisciplinaridade constitui condição necessária para melhoria da qualidade do Ensino Superior, uma ponte da teoria para a prática. Ao caminhar por esta ponte encontraremos sentido para nosso aprendizado, pois ele virá contextualizado, de maneira a contribuir para sociedade. Envolver-se em uma proposta interdisciplinar na educação é aprender, fazendo, colaborando, é ensinar, respeitando, ouvindo e ambos se interagindo.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**



Um dos entraves para o ensino amplo e diversificado que use de múltiplas áreas do conhecimento é a ausência de profissionais que tenham formação e capacitação para envolver vários campos do saber, de forma a interligá-los. O profissional, professor, fica restrito apenas às particularidades de sua área de docência, sem promover a interação com outras disciplinas.

Muito se pensa e fala sobre a interdisciplinaridade, porém, professores estão preocupados em como se inteirar do conjunto de disciplinas, mas o compromisso em se envolver com um planejamento e uma prática de ensino compartilhada ainda está distante do que realmente é necessário para atingir a integração, objetivo do trabalho interdisciplinar.

A interdisciplinaridade surgiu com a intenção de romper com a fragmentação do conhecimento, no entanto, tem sido confundida com um mero trabalho realizado em grupo, e o fato de estarem reunidas várias pessoas, em torno de uma mesma questão, gera a ideia de estarem interligadas. A verdade é que uma equipe interdisciplinar ultrapassa os princípios discursivos, instaura o diálogo em vez do monólogo, chega ao novo por meio do pensamento coletivo em torno de um todo, dando importância ao que realmente importa, e rompendo com a segmentação proposta pelas disciplinas.

A interdisciplinaridade no ensino superior ainda não atingiu seu verdadeiro significado no processo de ensino e aprendizagem. Mesmo sendo bastante divulgada, no decorrer das atividades acadêmicas, no momento da execução, não fica claro para os envolvidos em que o trabalho interdisciplinar pode contribuir, de fato, além de integrar os conteúdos das disciplinas.

A atividade interdisciplinar envolve colaboração, tempo para planejar, refletir sobre o significado daquela atividade para o aluno. Muitas vezes, nas universidades, apenas se prepara uma atividade para se desenvolver em conjunto entre as disciplinas, e o objetivo desse trabalho não fica claro para os participantes, prejudicando o resultado, diminuindo o conceito e o benefício da interdisciplinaridade no contexto universitário, que fica somente no plano conceitual.

As reformulações curriculares são de suma importância para a interdisciplinaridade acontecer, de fato, nas universidades, pois se este trabalho já viesse proposto nos currículos seria melhor executado, pois haveria mais recursos para tal. O que destacamos é que não basta a reformulação dos currículos, de forma integrada, se não experimentarmos essa integração.



Viver essa integração no Ensino Superior é abrir espaços efetivos para a prática da iniciação científica, da pesquisa e da extensão. Isso pode acontecer por meio de projetos que envolvam a sociedade e as necessidades sociais. A universidade interdisciplinar está voltada para um ensino vivo e concreto, que, pela prática experimentada durante o período de formação atinge o casamento da teoria com a prática.

Esse modelo de ensino é a condição necessária para a melhoria da qualidade do Ensino Superior, para o qual podemos citar como exemplo algumas soluções práticas: a inclusão da interdisciplinaridade como disciplina nos cursos de formação pedagógica e nas disciplinas introdutórias dos cursos em geral, além da formação de professores.

Enfim, com isso, respondemos à questão levantada neste estudo acerca da importância da interdisciplinaridade no âmbito do ensino universitário, pois percebe-se que essa metodologia é capaz de aproximar a universidade das reais necessidades da sociedade, dada a possibilidade de desenvolvimento de ações baseadas no diálogo entre os diversos conhecimentos e, por isso, mais próximas da realidade e condizentes com sua necessidade. Além disso, torna-se possível à universidade contribuir para o desenvolvimento de discentes com características, como: capacidade de tecer críticas sobre a realidade social, flexibilidade, autonomia, pensamento complexo, visão ampla, competência profissional e capacidade de trabalho em equipe, além de assumir um papel definitivo em sua tarefa de contribuir com a sociedade, desempenhando um diferencial na sua responsabilidade social em formar cidadãos e profissionais que possam somar, de fato, na construção da sociedade do futuro.

## 6. REFERÊNCIAS

BANDONI, Felipe. Qual deve ser o limite da interdisciplinaridade? **Nova Escola**, Freguesia do Ó, São Paulo, SP, Editora Abril S.A, ISSN 0103-0116, 286, ano 30. Outubro 2015. p. 55.

BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio**. Ministério da Educação. Brasília, 1999.

CARLOS, Jairo Gonçalves. Interdisciplinaridade: o que é isso? **Interdisciplinaridade no Ensino Médio: desafios e potencialidades**. 2007, p. 1-10. Disponível em: [www.ppgec.unb.br/images/sampledata/dissetacoes/2007/proposicao/jairocarlos.pdf](http://www.ppgec.unb.br/images/sampledata/dissetacoes/2007/proposicao/jairocarlos.pdf). Acesso em: 06 Dez. 2016.



FAVARÃO, N.R.L.; ARAÚJO, C.S.A. **Importância da Interdisciplinaridade no Ensino Superior**. EDUCERE. Umuarama, v.4, n.2, p. 103 – 115, jul. / dez., 2004.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Interdisciplinaridade: História, teoria e pesquisa**. 15. ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 2008.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (Org.). **Didática e Interdisciplinaridade**. 14 ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 2009.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (Org.). **Práticas Interdisciplinares na Escola**. 11 ed. São Paulo: Cortez, 2009.

HAAS, Célia Maria. Responsabilidade Social da Educação Superior: uma abordagem na perspectiva do diálogo interdisciplinar. **Responsabilidade Social/ Organizadores, Bianca Estrella, Cecília Eugênia Rocha Horta, Frederico Ribeiro Ramos**. -Ano 4, n. 4 – Brasília: Associação Brasileira de Mantenedoras do Ensino Superior, 2009 – v: il., 29,7 cm. Anual, Início: 2006, ISSN 1809-8754.

JAPIASSU, Hilton. A questão da Interdisciplinaridade. In: **Seminário Internacional sobre Reestruturação Curricular**, promovido pela Secretária Municipal de Educação de Porto Alegre, em Jul. 1994. Disponível em: <http://smeduquedecaxias.rj.gov.br/nead/Biblioteca/Forma%C3%A7%C3%A3o%20Continuada/Artigos%20Diversos/interdisciplinaridade-japiassu.pdf>. Acesso em: 06 Dez. 2016.

MASETTO, Marcos Tarciso. **Competência Pedagógica do Professor Universitário**. 2. ed. rev. São Paulo: Summus, 2012.

MASETTO, Marcos Tarciso. Inovação na aula universitária: espaço de pesquisa, construção de conhecimento interdisciplinar, espaço de aprendizagem e tecnologias de comunicação. **Revista Perspectiva**, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, v. 29, n. 2, ISSN print 0102 – 5473, ISSN 2175 – 795x, p. 597 – 620, Jul., Dez. 2011. v. 29, n. 2, p. 597.

MORAN, José Manuel, MASSETO, Marcos Tarciso, BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas Tecnologias e mediação pedagógica**. 17. ed. São Paulo: Papirus, 2010.

MATOS, Ricardo Hage de. Educação: Currículo – Linha de Pesquisa: Interdisciplinaridade periodicidade semestral – n. Especial (Homenagem a Hilton Japiassu), **Interdisciplinaridade/ Grupo de Estudos e Pesquisa em Interdisciplinaridade (GEPI)** – v. 1, ISSN 2179-0094, São Paulo: PUCSP, p. 1-77.

POMBO, Olga. Epistemologia da Interdisciplinaridade. In: **Colóquio “Interdisciplinaridade, Humanismo e Universidade”**. Porto – Lisboa. Promovido pela Cátedra Humanismo Latino. Nov. 2003, p. 1 – 29.

QUEIROZ, Cecília Telma Alves Ponte de; MOITA, Filomena Maria Goncalves da Silva Cordeiro. Disciplina Fundamentos Sócio-filosófico da Educação (Aula 9). **As tendências pedagógicas e seus pressupostos**. Campina Grande; Natal: UEPB/UFRN, 22 ed., 15 fasc., p. 1-24, 2007.